ANÁLISE ENUNCIATIVA DO RAP: ESPAÇO PARA REPRESENTAÇÃO DE UMA POSSÍVEL UTOPIA?

Débora LINCK¹ (UNISINOS)

RESUMO: Este artigo propõe um estudo, conduzido pelas teorias da enunciação, sobre linguagem, subjetividade e alteridade. Pretende investigar, levando em conta marcas lingüísticas indicativas de processos referenciais encontradas em letras de rap, as representações que os adolescentes fazem de si e da sociedade atual, bem como de sua possível utopia. Parte do pressuposto de que a linguagem é condição da subjetividade (1); o centro da referência no discurso é o sujeito da enunciação (2); através da análise enunciativa da matéria lingüística é possível depreender representações que o sujeito faz de si, do outro e da situação (3).

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem – subjetividade – alteridade – adolescência.

ABSTRACT: This article proposes a study, carried out by Enunciation Theories, on language, subjectivity and alterity. It means to investigate, considering the linguistic traces that distinguish reference processes -- found in R.A.P. lyrics--, the self-representations and representations of society proposed by adolescents as well as their possible utopia. It is based on the presupposition that language is condition for subjectivity (1); discourse reference center is the subject of enunciation (2); through enunciative analyses of linguistic matter it is possible to gather representations the subject makes of him/herself; of the other and of the situation (3).

KEY-WORDS: Language - subjectivity - alterity - adolescence.

1. Introdução

Esta pesquisa trata de questões relacionadas a linguagem, subjetividade, alteridade e adolescência. Está vinculada ao Mestrado em Lingüística Aplicada da UNISINOS e inserida na linha de pesquisa *Interação e aprendizagem em contextos específicos*, que tem como objeto de análise as práticas discursivas a partir de diferentes teorias. As pesquisas nela inseridas enfocam fala em interação, texto e discurso.

O estudo que busco desenvolver é resultado de uma série de indagações surgidas no decorrer de 2004 na minha prática docente em uma escola de nível fundamental. Nos últimos meses, a escola foi tomada pelo movimento chamado Hip Hop, marcado principalmente pelas letras de rap, pelas danças dos b'boys e pelo desenho do grafite. Os adolescentes adotaram um estilo próprio que inclui vestimentas, atitudes e gosto por músicas e danças representativas dessa tendência. A partir dessa movimentação, vários questionamentos me inquietaram em relação a esse recente fenômeno musical: (1) por que os adolescentes se identificam tanto com essas músicas?; (2) que imagens de sociedade e de sujeito aí construídas são denunciadas e rejeitadas pelos jovens de hoje?; (3) não existirá aí uma imagem de sociedade e de sujeito que os jovens apresentam como ideal?

Numa época marcada pelo esvaziamento e pulverização das referências e utopias que sustentavam as gerações anteriores aos anos 90, quem sabe, manifestações culturais como o rap não representem um espaço em que podem ser depreendidos os ideais que a juventude atual compartilha. Esta pesquisa pretende, então, investigar, levando em conta movimentos enunciativos surpreendidos em letras de rap, as imagens que o sujeito enunciador faz de si e da sociedade atual, bem como sua possível utopia, a partir do pressuposto de que uma análise enunciativa da linguagem permite entrever a heterogeneidade constitutiva do sujeito.

2. Contextualização

A adolescência, socialmente construída, refere-se à passagem do universo infantil ao adulto. Nas sociedades tradicionais, essa passagem ocorre de forma pouco conflituosa para cada indivíduo. Ruffino (apud Matheus, 2002) afirma que isso se deve a três fatores principais. Em primeiro lugar, nessas sociedades, as exigências sociais dos adultos não são muito diferentes do que as crianças vivenciam em seu cotidiano.

¹ E-mail para contato: dlinck@terra.com.br

Em segundo lugar, há uma relativa estabilidade e familiaridade nas referências organizadoras do grupo social, o que faz com que as pessoas possam se comunicar com mais facilidade e eficácia. Por fim, há rituais de passagem que, devido ao valor que lhes é atribuído, oferecem referenciais compartilhados por toda a sociedade.

Já numa sociedade complexa como a nossa, marcada pelo consumismo exacerbado, pela busca incansável de fama, sucesso e dinheiro e pelo culto exagerado de padrões estéticos, o atravessamento da fronteira entre o mundo infantil e o mundo adulto, por parte do adolescente, vem tornando-se problemático, visto que cada vez menos se conta com ideais e rituais preestabelecidos que sirvam de referência para os indivíduos.

Os primeiros modelos dos adolescentes encontram-se na família. No entanto, muitas vezes, o adolescente busca o afastamento ou reage contra os modelos parentais, indo atrás de modelos identificatórios oferecidos pela sociedade em espaços extrafamiliares. Assim, na procura de reconhecimento e de auto-reconhecimento, é culturalmente seduzido a se enveredar por caminhos que lhe possibilitem sentir-se parte da sociedade.

Vivemos em uma sociedade desigual, onde muitos têm pouco e poucos têm muito. Dessa forma, o tecido social acaba se deteriorando, esgarçado por pobreza, desemprego, marginalização e abandono. Então, numa sociedade como a nossa, em que o individualismo – gerado pela busca desenfreada por um *lugar ao sol* e, principalmente, pela luta pela sobrevivência, devido à má distribuição de renda, à falta de suprimento das necessidades básicas como alimentação, habitação, vestimenta, saúde, educação – é uma característica marcante, será que há ainda espaço para uma utopia coletiva, uma preocupação com projetos que visem ao bem-estar comum?

Atualmente, percebemos a falta de projetos coletivos e de referências que espelhavam as gerações anteriores aos anos 90. A ebulição contestatória (Sousa, 2004) da juventude dos anos 70, progressivamente, ao que tudo indica, parece ter declinado assustadoramente, principalmente no que diz respeito a projetos coletivos de crítica social. A pobreza, a marginalização, o abandono, a ausência de referências culturais sólidas, a falta do que chamamos de tecido social faz com que a palavra seja substituída pela força da arma ou do dinheiro, isto é, ao perceberem que sua voz não é escutada, os adolescentes procuram outras formas de expressar as suas contestações e trocam atos de linguagem por atos de violência.

Como dito anteriormente, o adolescente está em busca de um lugar, do seu lugar. E as utopias, conforme Sousa (2004), nos colocam sempre diante da possibilidade de *outro* lugar possível, para além do lugar onde estamos. Desejar um *outro* lugar, onde não estamos, permite que identifiquemos o lugar em que estamos, isto é, que façamos representações de imagens de onde estamos e do que somos.

Será o rap um espaço que permite ao adolescente apropriar-se do laço social e encontrar o *seu lugar*? Haverá aí representações de utopias compartilhadas por adolescentes da sociedade atual?

O rap, então, mesmo quando mostra a desesperança em suas letras, faz com que a palavra reassuma seu lugar e, com isso, realize a intermediação dos conflitos sociais. Independentemente do que dizem as letras, o movimento é importante por restituir valor à palavra. Como afirma Sousa (2004), *todo ato criativo é, em última instância, um ato utópico, pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e, assim, recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido.*

3. A enunciação

A perspectiva que orienta este trabalho é a lingüística da enunciação, recorro especialmente a Émile Benveniste e Jacqueline Authier-Revuz. Conforme Flores e Teixeira (2005: 109),

a legitimidade do que temos chamado de lingüística da enunciação é derivada exatamente da delimitação de seu ponto de vista, qual seja, o que considera a língua desde as relações do homem com o outro, do homem com a língua, do homem com o mundo via língua.

Os autores falam em lingüística da enunciação (no singular) para indicar uma área da lingüística que estuda as relações entre linguagem em uso e sujeito. É um termo, no entanto, que deve ser entendido como um campo do saber para o qual convergem muitas teorias. Apresento, a seguir, um breve comentário sobre o conjunto de trabalhos abrigado sob o rótulo de *teorias da enunciação* para, a seguir, delimitar alguns aspectos que norteiam a pesquisa.

Vários estudos sobre linguagem fizeram surgir diferentes teorias da *enunciação*, como as de Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz, entre outros. Isso significa dizer que existem diversas perspectivas teóricas sobre o tema *enunciação*, e que cada uma delas tem sua especificidade e

relevância na história dos estudos da linguagem. Entretanto, existem pontos comuns que aproximam tais perspectivas. Flores (2001) afirma que, em linhas gerais, as teorias da enunciação estudam as marcas de sujeito no enunciado. Diz, ainda, que as teorias da enunciação concentram seu interesse no sentido. Assim, embora existam diversas *teorias da enunciação*, busco alicerçar esta pesquisa no que elas têm em comum: o estudo enunciativo da língua, especialmente a inscrição do sujeito na linguagem e os sentidos que daí resultam.

Conforme Flores (2001), delimitar o conceito de enunciação é consolidar o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. É a enunciação que permite a representação, no enunciado, dos acontecimentos únicos construídos num tempo (*agora*) e num espaço (*aqui*) discursivos. As marcas da enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo emergir uma representação de sujeito que o locutor enuncia. E cabe ao lingüista, então, a partir da identificação e descrição de marcas lingüísticas presentes no enunciado, buscar compreender como se opera discursivamente a construção de determinados sentidos.

Não me compete aqui fazer uma descrição das diferenças e especificidades de cada perspectiva. Meu interesse é abordar a visão sobre enunciação que ultrapassa a análise formal da língua, autorizando uma abertura para o discurso.

Primeiramente, penso ser importante retomar algumas considerações de Émile Benveniste, que foi quem propriamente iniciou os estudos sobre enunciação. Ao problematizar a concepção instrumentalista da linguagem, o lingüista define-a como a capacidade de simbolização que é inerente ao homem, como a faculdade de significar.

Para Benveniste, existem dois sistemas que se superpõem na linguagem tal como a temos à nossa disposição para apropriação: o semiótico e semântico. O semiótico corresponde ao nível intralingüístico, no qual cada signo significa somente em relação a outros signos, isto é, corresponde à organização interna dos signos. A partir deste fundamento semiótico, a língua posta em ação constrói uma semântica singular, própria, que apresenta apenas parte do valor do signo no sistema semiótico e vem carregada do sentido que é estabelecido quando o signo é tomado por um locutor.

É exatamente esta visão da complexidade da linguagem que faz com que Benveniste seja considerado um inovador nos estudos da linguagem. Apesar de enxergar a língua como um sistema organizado de estruturas, reconhece que ela não é somente isso. Ao contrário, sua preocupação está em compreender o que ocorre com esse sistema quando ele passa pela boca de um sujeito, ou seja, como se dá este *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização*.

Para entender o conceito de enunciação de Benveniste é necessária, também, a compreensão das noções de intersubjetividade e referência. Para o lingüista, *enunciação* é o *ato* de apropriação da língua pelo sujeito. Ela pode ser entendida como processo individual de transformação da língua em discurso por um sujeito em tempo e espaço específicos. A partir do momento em que o discurso é proferido, deixa de ser *enunciação* e passa a ser *enunciado*. É importante que fique bem clara essa tênue - mas determinante - diferença entre *enunciação* e *enunciado*: a primeira é um processo; o segundo é o produto desse processo.

A linguagem está organizada de maneira que permite a cada pessoa *apropriar-se* da língua e apresentar-se como *sujeito*, designando-se *eu*. *Eu* constitui uma categoria diferente de signo, pois não remete a um conceito ou idéia. *Eu* só tem sentido no momento em que é pronunciado por uma *pessoa* que se torna locutor e que, ao *assumir* a língua, propõe uma outra *pessoa*, um *tu*.

Benveniste (1956), em seu estudo sobre os pronomes, apresenta-os como fato de linguagem, para mostrar que *eles não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos*. Primeiramente, ele afirma que alguns pronomes pertencem à sintaxe da língua, enquanto outros, à instância de discurso. No caso dos pronomes pessoais, Benveniste faz considerações importantes. Segundo ele, somente os pronomes *eu* e *tu* podem ser considerados pessoais, pois somente esses remetem às pessoas do discurso. *Eu* e *tu* instauram a categoria de *pessoa* do discurso, pois sua referência se dá sempre e somente na instância em que são proferidas. Outras formas lingüísticas que também só têm significado em uso e constituem os indicadores que se unem a *eu* e *tu* para referir à instância do discurso são pronomes, como *este*, e advérbios como *hoje*, *aqui*, *agora* e *ontem*, por exemplo. Cada *aqui*, *este*, *aquele* proferido no discurso carregará seu próprio e fugaz sentido, construído num dado momento, em função de um sujeito que refere, e de um outro que co-refere.

Da mesma maneira ocorre com o tempo, ou seja, é a partir da enunciação que se instala a categoria do presente, e a partir do presente do discurso também se instauram os outros tempos, o passado e o futuro. Isto significa dizer que tais formas fazem referência sempre à instância temporal e espacial em que *eu* foi proferido.

Benveniste (1956) ressalta, no entanto, que *nem todos os enunciados de discurso escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação objetiva*. Tais enunciados fazem parte do que chamamos de terceira pessoa, o que Benveniste chama de *não-pessoa*. Para o lingüista, a terceira pessoa, isto é, a *não-pessoa*, é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas.

Flores (2001) afirma que *a teoria de Benveniste acentua a subjetividade lingüística e a condição de intersubjetividade na determinação de um quadro dialógico constitutivo da língua*. Diz, ainda, que *o sujeito é constitutivo da língua porque sua existência dela depende e nela se realiza, e que é a intersubjetividade que viabiliza o uso da língua*. Isso quer dizer que a linguagem é a própria condição da subjetividade. É a partir do momento em que uma pessoa se nomeia *eu* que ela se assume como sujeito. E essa pessoa só poderá fazê-lo frente a um outro sujeito, a quem ela denomina *tu*. Este, por sua vez, se assume como *eu* e instaura aquela como *tu*. A intersubjetividade é que permite a apropriação da língua e, conseqüentemente, a instauração do sujeito.

É importante ressaltar que, ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor estabelece relação com o mundo via discurso, sendo que a cada instante enunciativo ele manifesta a posição subjetiva que assume em relação àquela instância. Em outras palavras, se poderia dizer que o sujeito apresenta, na e pela linguagem, representações de si mesmo que variam de acordo com a cena enunciativa - tempo, espaço, alocutário, toda a situação de enunciação - em que o discurso é produzido.

Se pensarmos, como Benveniste, um sujeito *resultado* da apropriação da língua, que ocorre sempre - e somente - em um ato específico, necessariamente associamos *enunciação* à idéia de *diálogo*. Conforme o autor, a comunicação não se restringe à simples transmissão de mensagens. É nela e por ela que o homem se constitui enquanto sujeito, se reconhece e reconhece o outro numa relação de dialogismo e de alteridade.

Conforme Benveniste (1989), ao fazer um estudo enunciativo da linguagem, é necessário que se defina a enunciação no quadro formal de sua realização, isto é, são necessários alguns princípios metodológicos. Primeiramente, há de se considerar o próprio ato, ou seja, um locutor que, ao proferir *eu*, apropria-se da linguagem e instaura um *outro* à sua frente, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.

Em seguida, é preciso considerar as situações em que o ato enunciativo se realiza. Toda e qualquer enunciação expressa uma certa relação com o mundo, isto é, uma relação com o *aqui* e o *agora* do locutor. Esta é uma noção importante: na enunciação o centro da referência não é o mundo, mas a situação espaço-temporal cujo centro é o *eu*.

Por fim, são relevantes os instrumentos de sua realização. Benveniste afirma que ao enunciar, o sujeito *enuncia-se*. O locutor tem à sua disposição uma série de signos lingüísticos dos quais pode apropriar-se para enunciar. No entanto, a partir do momento em que ele toma a linguagem como sua e enuncia, está imprimindo sentidos únicos e referíveis somente à instância em que foram produzidos.

Para que fique claro o fio condutor de minha análise, considero importante reafirmar que uma lingüística da enunciação estuda marcas de sujeito no enunciado e centra seu interesse no sentido. Por ser um ato sempre único e fugaz, a enunciação não é possível de ser estudada, pois desaparece no mesmo instante em que é realizada. No entanto, a tarefa de quem se propõe a fazer uma lingüística da enunciação consiste em identificar e descobrir marcas do ato no produto (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1980), ou seja, os lugares de inscrição na trama enunciativa dos diferentes constituintes do marco enunciativo - os sentidos depreendidos a partir dos referências do *aqui* e do *agora* do enunciador.

Neste trabalho observo particularmente como se constroem referentes no discurso. Para isso, considero necessário esclarecer como vou tomar o conceito de referência.

Essa noção já permeia o mundo filosófico há tempos. Na lingüística, quem trata desse tema é, primeiramente, a semântica, embasada na relação existente entre linguagem e mundo. De acordo com essa perspectiva, sempre que usarmos a linguagem estaremos falando sobre o mundo, e um signo só terá significado quando conseguirmos relacioná-lo a um objeto do mundo. Assim, a referência está fora do âmbito do sujeito e é sempre construída a partir de um objeto do mundo concreto.

Benveniste traz a noção de referência para a lingüística de base estruturalista. No entanto, trata-se, em sua teoria, não de uma referência ao mundo, mas ao sujeito no *aqui* e *agora* da enunciação. O lingüista considera que a diferença entre pessoa (*eu/tu*) e não-pessoa (*ele*) está no tipo de referência estabelecida: enquanto que para a pessoa *eu/tu* há a referência dêitica, isto é, refere a uma realidade a cada vez que é enunciada, para a não-pessoa (*ele*) a referência é não-dêitica, ou seja, o signo pertence ao nível sintático e tem por função combinar-se com uma referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que o contém. Assim, Benveniste distingue os signos que pertencem à sintaxe da língua daqueles que são relativos à instância do discurso, e a dêixis adquire seu estatuto a cada instância enunciativa.

Em *O aparelho formal da enunciação*, entretanto, Benveniste concebe o sistema de referenciação como elemento constitutivo da língua e, com isso, admite a referência como elemento da língua na sua totalidade. É através de seu ato de fala que o sujeito mobiliza a referência através de um termo da língua e atribui-lhe sentido. Assim, o sujeito - e sua enunciação - passa a ser o centro de referência de todo o discurso, e todos os elementos da língua precisariam ser analisados na instância de discurso que contém *eu*.

A teoria de Authier-Revuz também é utilizada como fundamento nesta investigação. Interessa-me, especialmente, a possibilidade que a autora oferece para abordar o discurso, ou seja, encontro em suas formulações uma abertura para o diálogo da lingüística com outros campos do saber. Sua perspectiva - explicitamente autorizada a partir de seus estudos sobre as *heterogeneidades mostrada e constitutiva* (1982) - permite que se faça uma abertura para estudar questões relativas à subjetividade, já que, embora conceba a língua como um sistema regrado, reconhece que ela não se reduz a isso. Afirma que os discursos constituem um espaço em que o sujeito enuncia e, assim, enuncia-se, deixando emergir a alteridade que o constitui através de vestígios lingüísticos que podem ser inventariados.

Os seguintes pressupostos da lingüística da enunciação de Benveniste e de Authier-Revuz direcionarão este estudo:

- a linguagem é condição da subjetividade;
- o ato de colocação da língua em ato introduz aquele que fala em sua fala;
- o centro da referência no discurso é o sujeito da enunciação; assim, todos os elementos da língua precisam ser analisados na instância de discurso;
- através da análise enunciativa da matéria lingüística, é possível depreender representações que o sujeito faz de si, do outro e da situação.

4. A pesquisa

Realizar um estudo sob a ótica da Lingüística da Enunciação significa não ter um fenômeno *a priori* a ser analisado; é poder reafirmar a máxima de Saussure (1991) de que *o ponto de vista cria o objeto*. Essa perspectiva permite delegar ao pesquisador selecionar os fatos lingüísticos a serem estudados no momento em que estes forem tomados para investigação, ou seja, o objeto de investigação é constituído no momento em que se opta pela teoria que embasará o estudo deste objeto. Flores (2001) afirma que nos estudos enunciativos da linguagem o objeto de estudo são *fatos*, e não de *dados*. Isso porque, de fato, não há nada *dado em evidência*, mas *produto de um construto teórico*.

Pelo caminho até aqui traçado, fica claro que o objeto de estudo desta pesquisa é a enunciação, sendo que esta é atualizada em cada instância enunciativa e engloba toda a língua. Assim, o foco da constituição do material de investigação não está na *forma* (o estável da língua), mas no *sentido* (sempre único, irrepetível). Tal postura possibilita que a relevância nos estudos enunciativos da linguagem não esteja na quantidade de *fatos* analisados ou na reincidência de determinados *fatos*, visto que a possibilidade de enunciados é infinita.

Em síntese, o *corpus* consiste em uma determinada manifestação lingüística dentro da qual são recortados *fatos lingüísticos*, ou seja, o que propriamente será estudado em função dos objetivos de cada análise. Nesta pesquisa, o *corpus* é formado por cinco letras de rap produzidas por um grupo de Rap de Novo Hamburgo e cinco letras de rap produzidas por adolescentes de uma escola municipal de ensino fundamental, de onde serão recortados *fatos* enunciativos que permitirão vislumbrar como se constroem os referentes de sujeito, de sociedade e de uma possível utopia da juventude contemporânea.

A metodologia de análise do material de investigação deriva de Authier-Revuz (1998) e é composta por três etapas que estão intimamente imbricadas: inventário de formas lingüísticas pelas quais o sujeito enunciativo fala de si, do outro e da situação I; descrição enunciativa das formas elencadas, a fim de observar o que elas revelam em relação às posições subjetivas do locutor II; análise dessas representações no sentido de observar como os adolescentes constroem a referência de si, da situação e de uma possível utopia.

5. Um exercício de análise

A seguir, apresento a análise de um trecho de uma das letras produzidas pelo grupo de rap de Novo Hamburgo, sujeito da pesquisa.

A Filial do Inferno

Traço a traço eu vou que vou grafitando a situação
Periferia tá sangrenta tipo um campo de concentração
Sempre exilada das regalias do burguês
Pensam que pobre tem que ser um eterno freguês
ou pequenez na pirâmide social
E não vive, sobrevive com o que rico passa mal
As pernas ficam bamba só de pensar que o tempo passa
Mas que desgraça, não tenho pro feijão nem pra massa
(...)

Periferia Brasil - A Filial do Inferno

A Filial do Inferno

Só querem nos limitar

Fecham portas, livros

Pra nós não nos informar

Mas nós vamos em frente, não vamos jogar esse jogo

Não vamos entra nesse clipe onde o ladrão é o povo

Logo no início, o enunciador anuncia que vai, *traço a traço, grafitar a situação* em que vive, a periferia. É interessante observar que ele não vai descrever a sua situação, mas grafitá-la, traço a traço. O verbo utilizado faz parte de uma linguagem comum ao grupo ao qual pertence o enunciador. Como o grafite consiste numa arte plástica usada pelas gangues para reivindicarem seus direitos e expressarem seus sentimentos e ideais, é possível depreender que a escolha de tal forma verbal revela que o enunciador não vai simplesmente apresentar a realidade em que vive, mas vai denunciá-la, reivindicar seus direitos e chamar a atenção do seu interlocutor para a expressão de seus ideais.

A partir do segundo verso o enunciador começa a detalhar como são os traços da periferia:

periferia tá sangrenta como um campo de concentração
sempre exilada das regalias do burguês
pensam que pobre tem que ser um eterno freguês
ou pequenez, na pirâmide social

É possível constatar que, conforme a visão do enunciador, seu lugar – a periferia – presencia constantemente a guerra, especialmente em relação aos seus direitos. *Regalia* significa, originalmente, *direito próprio de rei*. Ao dizer *sempre exilada das regalias do burguês*, o *eu* que se enuncia se coloca em uma situação de extrema desigualdade em relação aos indivíduos pertencentes à classe média, representados pela expressão *burguês*. O advérbio *sempre*, que introduz esse verso, funciona como um intensificador do adjetivo *exilada*, isto é, expressa que os direitos da classe dos pobres são sempre sacrificados em nome da garantia dos direitos da classe média.

A forma verbal que inicia o verso *pensam que pobre tem que ser um eterno freguês* mostra a posição que o enunciador assume em relação ao seu interlocutor: *pensam* demonstra que *enunciador + pobres + interlocutor* estão lado a lado e, simultaneamente, em oposição a todas as pessoas que pensam que o pobre tem que ser um eterno freguês ou pequenez na pirâmide social, ou seja, das pessoas de classe média ou alta da sociedade.

Com os versos *E não vive, sobrevive com o que rico passa mal/ As pernas ficam bamba só de pensar que o tempo passa / Mas que desgraça, não tenho pro feijão nem pra massa*, é possível detalhar como vive o pobre da periferia. Ao dizer *e não vive, sobrevive com o que o rico passa mal* o enunciador mostra que os

alimentos que os ricos rejeitam porque fazem mal constituem a fonte de sobrevivência dos pobres. Os versos seguintes retratam como se constrói a referência de desgraça dos pobres: a presença do operador argumentativo *nem*, no trecho *não tenho pro feijão nem pra massa*, produz um efeito de sentido que intensifica a miserabilidade que constitui a vida do pobre da periferia. Nem mesmo o feijão e a massa – considerados o mínimo numa escala de itens necessários para a sobrevivência – o povo da periferia é capaz de comprar.

Observando o trecho que segue, conseguimos depreender como o enunciador define a vida na periferia: *filial do inferno*. Analisando os traços lingüísticos, é possível afirmar que, nesse contexto, para esse enunciador, filial do inferno faz referência a um lugar onde não há as mínimas condições de sobrevivência, onde as pessoas travam uma verdadeira guerra para tentar – e não conseguir – ter acesso a seus direitos básicos, como a alimentação.

O trecho seguinte, diferentemente do anterior, em que se detalha como é a realidade - rejeitada pelo enunciador – na periferia, parece apontar para uma solução para sua condição. Ao pronunciar *Só querem nos limitar / fecham portas, livros/ pra nós não nos informar*, o *eu* que se enuncia apresenta uma possibilidade de melhora de vida. O enunciador manifesta, implicitamente, a idéia de que se os pobres lessem, tivessem acesso a oportunidades e informação, poderiam mudar sua situação. Tal conteúdo é expresso pela palavra *não*, que, conforme Oswald Ducrot (1987) aponta sempre para dois sentidos – um explícito e um implícito. Assim, temos um conteúdo implícito, a leitura, as oportunidades e a informação poderiam mudar a situação dos pobres e outro, explícito, que o enunciador tenta valorizar, que diz que *eles* (as pessoas que não são da periferia) só querem limitar os pobres. Essa estrutura faz emergir duas posições subjetivas do enunciador: uma que acredita na leitura, na informação e nas oportunidades como uma utopia que permitiria aos pobres sair de sua condição miserável, e outra, que tem consciência da sua situação e percebe que esses acessos lhe são negados para que continue na mesma situação.

6. Considerações sobre a análise

Como mencionado anteriormente, apresentei apenas um exercício de análise de letra de rap, visto que a pesquisa está ainda em desenvolvimento e que um maior número de análises extrapolaria o limite de páginas deste artigo. Apesar de ser uma pequena amostra, o trecho analisado permite encontrar formas lingüísticas a partir das quais é possível entrever como o sujeito enunciador constrói a referência da situação em que vive e, de certa forma, de uma utopia que o permitiria mudar essa situação.

O levantamento e a descrição das formas lingüísticas acima expostas permitem dizer ainda que, de modo geral, o sujeito enunciador apresenta dois grandes grupos: *eles* (implícitos nos verbos), que constituem a minoria da população - o governo, os políticos, as pessoas que têm renda razoável e emprego digno (1); *nós* (implícitos nos verbos), que inclui a maioria da população - o enunciador, os pobres, o povo da periferia e o interlocutor. Ao diferenciar esses dois grupos, o enunciador assume uma posição subjetiva que lhe possibilita estabelecer traços identificatórios que o aproximam da maioria das pessoas e, dessa forma, encontrar o seu lugar na sociedade.

A pesquisa apresenta caráter interdisciplinar, permitindo que a lingüística dialogue com outras áreas acerca desse importante tema que é a adolescência. Os resultados do estudo destinam-se a promover reflexões sobre o universo de significações que podem ser depreendidos de manifestações culturais da juventude atual e, desse modo, melhor compreendê-la.

7. Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1999.

BROIDE, Emilia Estivalet; BROIDE, Jorge. Violência e juventude nas periferias: uma intervenção clínica. In: *Adolescência: um problema de fronteiras.*/ Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.). Porto Alegre: APPOA, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência.* São Paulo: Publifolha, 2000.

COUTINHO, Luciana Gageiro. Adolescência e trauma: a questão do 'agir' adolescente na contemporaneidade. In: *Adolescência: um problema de fronteiras.*/ Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.). Porto Alegre: APPOA, 2004.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galera e o movimento Hip Hop.* São Paulo: Annablume, 1998.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. *A 'escrita' enunciativa e os rastros da singularidade.* Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado. PPG em Letras, Maio de 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à lingüística.* São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.* São Paulo: Ática, 1996.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). In: *Letras de Hoje.* V. 36, nº 4, p. 7-67. Porto Alegre: EDIPUCRS, dezembro 2001.

_____. *Para um estudo enunciativo da categoria aspecto nos verbos do Português do Brasil.* Letras de hoje, V.34, n. 2, p.91 a 125, junho de 1999.

_____. Por que gosto de Benveniste? *Letras de Hoje.* Porto Alegre, v.39, n.4 EDIPUC/RS, p.217-230, dezembro 2004.

_____. TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação.* São Paulo: Contexto, 2005.

KERBRAT ORECCHIONI, Catherine. *L'enonciation : De la subjectivite dans le langage.* 14. ed. Paris: Armand Colin, 1980.

MARTINS, Eleni Jacques. *Enunciação e diálogo.* São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

MATHEUS, Thiago Corbisier. *Ideais na adolescência: 'falta' (d)e perspectivas na virada do século.* São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade / Fortaleza / v. IV / n. 2 / p. 329-348 / set. 2004.*

SOUSA, Edson Luiz André de. A utopia e os avessos da cidade. In: *Adolescência: um problema de fronteiras.*/ Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.). Porto Alegre: APPOA, 2004.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. *Benveniste: um talvez terceiro gesto?* Letras de Hoje, V.39, n. 4, p.107-120, EDIPUC/RS, dezembro